

Adolescentes e o uso sintomático de tecnologias digitais: O lugar da palavra

Adolescents and the symptomatic use of digital technologies: The place of the word

DOI:10.34117/bjdv7n4-411

Recebimento dos originais: 15/03/2021

Aceitação para publicação: 15/04/2021

Juliana Tassara Berni

Doutoranda em Psicologia - Estudos Psicanalíticos (UFMG)
Rua Fernandes Tourinho 735/sala 406, Savassi, Belo Horizonte – MG
E-mail:jutassara@hotmail.com

Márcio Rimet Nobre

Doutor em Psicologia - Estudos Psicanalíticos (UFMG)
Av. Francisco Sales, 40/1802, Floresta, Belo Horizonte – MG
E-mail:marcionobre205@hotmail.com

Nádia Laguárdia de Lima

Pós-doutora em Teoria Psicanalítica (UFRJ)
Prof^a. da Universidade Federal de Minas Gerais
Av. Pres. Antônio Carlos, 6627, Pampulha, Belo Horizonte – MG
E-mail:nll2010@ufmg.br

Patricia da Silva Gomes

Doutoranda em Psicologia - Estudos Psicanalíticos (UFMG)
Av. do Contorno, 6777, sala 1007, Savassi, Belo Horizonte – MG
E-mail:pgpsicologa@gmail.com

RESUMO

O artigo resulta de pesquisa realizada com grupos de adolescentes em que a oferta da escuta por meio da metodologia da conversação de orientação psicanalítica abre espaço para a retomada do lugar da palavra. Por meio dessa associação livre coletivizada, o jovem pode questionar-se sobre os diferentes modos sintomáticos assumidos pelo mal-estar provocado pelos excessos nos usos das tecnologias, especialmente diante de um imaginário cada vez mais inflacionado pela presente cultura digital. Para a psicanálise, a adolescência pode ser compreendida como uma resposta sintomática às mudanças corporais pubertárias e ao conseqüente encontro do sujeito com o real do sexo. Nesse sentido, consiste num tempo lógico de intenso trabalho e de formulação de uma resposta ao não saber sobre estes fenômenos. Daí advirem respostas marcadas pelo excesso, resultantes desse impasse a ser resolvido no um a um. O trabalho traz algumas reflexões sobre um processo de conversação realizado com um grupo de adolescentes em que excesso foi apontado como traço marcante pelos próprios jovens. Desse modo, foi por meio da palavra que permitiu tratar o real via simbólico que foi possível aos jovens

encontrarem certo ordenamento para o gozo, uma vez que a via imaginária mostra-se insuficiente para dar conta de tais excessos.

Palavras-chave: Adolescência, ensino, tecnologias digitais, sintomas, contemporaneidade.

ABSTRACT

The article is the result of research carried out with groups of adolescents in which the offer of listening through the psychoanalytic conversation methodology opens space for the resumption of the word's place. Through this collectivized free association, young people can question themselves about the different symptomatic modes assumed by the malaise caused by excesses in the use of technologies, especially in the face of an imaginary increasingly inflated by the present digital culture. For psychoanalysis, adolescence can be understood as a symptomatic response to pubertal bodily changes and the consequent encounter of the subject with the real of sex. In this sense, it consists of a logical time of intense work and of formulating a response to not knowing about these phenomena. Hence responses that are marked by excess, resulting from this impasse to be resolved one by one. The work brings some reflections on a conversation process carried out with a group of adolescents in which excess was pointed out as a striking feature by the young people themselves. Thus, it was through the word that allowed to deal with the real symbolic way that it was possible for young people to find a certain order for jouissance, since the imaginary way is insufficient to account for such excesses.

Keywords: Adolescence, teaching, digital Technologies, symptoms, contemporaneity.

1 INTRODUÇÃO

A contemporaneidade nos impõe uma nova realidade: a virtual. A internet teve sua origem no final da década de 1960, com finalidades militares estratégicas, mas foi em meados dos anos 1980 que passou para o domínio público/privado. Desde então, vem, a cada ano, ganhando milhares de novos usuários, tendo se tornado um meio de comunicação em rede de escala global e adquirindo um novo estatuto social. Como ressalta Manuel Castells (2003):

[...] é o tecido de nossas vidas. [...] a internet poderia ser equiparada tanto a uma rede elétrica quanto a um motor elétrico, em razão de sua capacidade de distribuir a força da informação por todo domínio da atividade humana. (p. 7)

A internet introduziu, portanto, características únicas às relações sociais, ao possibilitar a criação compartilhada de um espaço virtual, onde bilhões de pessoas se conectam em rede, sem fronteiras ou hierarquias. Tal fato a diferencia consideravelmente de outros meios de comunicação de massa que a precederam (PENA, 2016).

De acordo com Pierre Lévy (2003), o ciberespaço funciona como um novo lugar de sociabilidade, originando novas formas de relações sociais, com códigos e estruturas

específicos. O autor propõe o termo “cibercultura” para se referir a essa cultura que surge a partir do uso da rede de computadores, da comunicação virtual, da indústria do entretenimento e do comércio eletrônico. Atualmente expressão “cultura digital” vem ganhando adeptos no que se refere a este arcabouço simbólico e coletivo mundial que surge a partir do intenso uso de tais tecnologias.

Mas, se a cultura digital nos apresenta uma vasta gama de possibilidades, ela não nos isenta de riscos. Como nos dizia Sigmund Freud (1930/1996), os perigos nos atingem seja vindos da realidade externa, seja a partir de nossa realidade interna ou, em termos que nos são mais familiares, da realidade psíquica. No âmbito do ciberespaço, entretanto, esses campos de diferentes realidades parecem encontrar um ponto de fusão que inspira cuidados. O jovem passa facilmente de uma a outra dessas realidades e parece cada vez mais imerso e bem adaptado à realidade virtual, uma vez que, por suas características, o ciberespaço se mostra mais suscetível a atender às urgências características da adolescência, sendo bastante permeável à dimensão do prazer e da fantasia (NOBRE, 2014).

A cultura digital está vinculada ao contexto social, político e econômico. Desde a modernidade, acompanhamos o declínio dos grandes referenciais simbólicos ordenadores da cultura, com o crescente descrédito nas figuras de autoridade e de poder. A partir da incidência de duas guerras mundiais deflagrou-se o questionamento dos usos do saber científico e da técnica para o progresso humano. Acompanha-se a isso o incremento da desqualificação dos valores e ideais coletivos que organizam a vida social (LAURENT, 2007).

A época atual, de acordo com Gilles Lipovetsky (2005), situa-se na segunda fase da sociedade de consumo e pode ser nomeada como hipermoderna. Para ele, vivemos em uma sociedade liberal, centrada no enfraquecimento dos grandes sistemas de sentidos, no culto ao corpo e na busca de satisfação imediata.

A partir das premissas contemporâneas do presenteísmo e do hedonismo, um recorte específico vem se tornando motivo de preocupação. Trata-se da constatação do uso excessivo dessas ferramentas, especialmente pelos jovens, que utilizam a rede para a socialização, comunicação e acesso a informação. Mas este excesso, caracterizado, entre outros, por comportamentos de autoexposição, pelo acesso fácil a qualquer tipo de conteúdo, como a participação em grupos que incitam o suicídio, o ódio ou as condutas de risco, faz com que esse uso seja visto com apreensão por pais e educadores.

“A escola se queixa de perder o controle diante dos alunos que não se desconectam de seus gadgets” (BERNI et al., 2014). As medidas adotadas pela escola são, muitas vezes, o reforço do controle, como a proibição do uso dos aparelhos celulares em seu espaço físico. Essas medidas, entretanto, parecem ter pouco efeito e os alunos continuam utilizando intensamente os seus celulares em sala de aula e nos diversos ambientes da instituição.

É nesse contexto que surge o projeto Conversação nas escolas: adolescentes e redes sociais. O projeto visa intervir junto aos adolescentes da escola, criando momentos de reflexão nos quais a utilização do ciberespaço possa ser interrogada pelos jovens. Assim, em nossas intervenções buscamos investigar o uso que os adolescentes fazem dessas redes, criando espaços dialógicos entre eles, para possibilitar o surgimento de questionamentos e reflexões, dando lugar às subjetividades no contexto coletivo (LIMA, 2013).

A metodologia de conversação pode ser compreendida como uma associação livre coletivizada em que a oferta da palavra circula no grupo. Os grupos de conversação ocorrem semanalmente, em horário pré-estabelecido pela escola. Cada grupo é conduzido por um psicólogo, acompanhado por um aluno da graduação em Psicologia, responsável pelo registro dos encontros.

Acreditamos que, em vez de tentar impedir a utilização das tecnologias digitais pelos jovens, é preciso antes buscar conhecer os usos que eles fazem destes dispositivos. Assim é possível localizar não somente os impasses, riscos e dificuldades, mas também os recursos e possibilidades existentes no uso do ciberespaço. A rigor, a intensificação do uso de tecnologias não apenas por adolescentes, mas também por adultos, o que inclui professores e demais envolvidos na comunidade escolar, por si só torna inócuas as tentativas de legislar contrariamente à presença de gadgets por parte de alunos. Durante as conversações, alguns adolescentes relatam, às vezes em tom de crítica ou de queixa, o uso de smartphones por professores mesmo em sala de aula.

Buscamos, então, localizar um ponto de mal-estar no uso que cada adolescente faz das redes sociais. Ao dar a palavra ao adolescente, esperamos que ele possa nomear, de forma própria, esse mal-estar (LIMA et al., 2015)

Trazemos aqui algumas reflexões sobre um trabalho de conversação realizado com um grupo de seis meninas e apenas um menino, todos com 13 anos. No primeiro encontro, quando perguntadas sobre por que escolheram participar do trabalho, elas dizem que é pra ficarem juntos e porque todos gostam de redes sociais. Todos dizem usar

várias redes sociais que enumeram: Facebook, Instagram, Whatsapp, Vine, Snapchat, Kiwi, YouTube, Skype, dentre outras.

Os adolescentes dizem que passam horas por dia na internet, que não desgrudam do celular e que não saberiam o que fazer se ficassem sem internet. É interessante observar que, sobretudo as meninas do grupo, qualificam como excessivo o uso que fazem da internet: “Eu não largo o celular pra nada”, diz Regina; “Sou bem viciada mesmo”, completa Luísa; “Pode até acabar a luz, enquanto tiver o 3G, tá de boa. Mas se ficar sem internet, aí eu fico louca”, problematiza Tainá.

Os jovens também falam com bastante crítica do uso que pais e familiares fazem das redes sociais. Como denuncia Cláudia:

Minha tia é aquela que fica postando o tempo todo. Um dia eu tava do lado dela e ela postou que estava no Rio de Janeiro. Aí eu falei, ‘Tia, você tá aqui. Para com isso, que coisa louca’. Mas ela não para, não. (Fragmento de fala de uma adolescente)

Outra jovem, Isabela, também se queixa: “Minha mãe fica postando foto minha toda hora. Ela não quer postar as delas porque ela acha que ela tá feia, aí fica postando as fotos de quando eu era neném”.

Nesse grupo, parece haver uma identificação muito maciça entre as meninas. Elas dizem gostar das mesmas coisas, vão aos mesmos lugares e se vestem da mesma maneira. Um dia, orgulhosas, exibiram os sapatos exatamente iguais que usavam: seis pares de sapato da mesma marca e cor. É através do WhatsApp que fazem essas combinações e, assim, aparecem na escola num dia com o mesmo sapato, noutro com o mesmo penteado, etc.

É interessante observar a forma como usam as redes sociais. Todas sabem as senhas umas das outras e acessam, sem pudor, as contas das amigas. Muitas vezes, fazem isso pra “zoar” a outra, publicando uma foto em que julga que a amiga está feia ou fazendo algum outro tipo de brincadeira. Esse hábito, o da “zoeira”, parece servir para unir ainda mais o grupo, dando a sensação de pertencimento, pois como explicam, elas não zoam qualquer um, só quem é do grupo. Quando a animadora da conversação pergunta por que revelam suas senhas para as outras, elas respondem quase que em coro: “confiança”. Explicam que têm que confiar umas nas outras.

Essas meninas criaram uma espécie de clube de melhores amigas. O clube tem nome e perfil no Facebook e no Instagram. Todas têm a senha de acesso e publicam, a todo momento, fotos de si mesmas na escola e em outros ambientes. Elas dizem ser

“populares” na escola e medem essa popularidade através do número de “amigos” e “curtidas” nas fotos. Muitas vezes, durante a conversação, postavam fotos e ficavam acompanhando as curtidas de modo que sempre estavam todas envolvidas e muito entusiasmadas com o “alto desempenho” de suas páginas.

O excesso é um traço marcante para esse grupo não apenas no uso das redes sociais. Elas também estão sempre aprontando na escola. Já foram pegas com bebidas, às vezes ficam aos beijos com garotos nos corredores e se envolvem em brigas com outras meninas, mas não costumam ter problemas com notas. Elas mesmas dizem que estão sempre sendo chamadas no setor de psicologia e que já estão no limite, pois, se aprontarem mais alguma, as consequências serão mais sérias.

Na puberdade, o sujeito é despertado para o real do sexo. Nesse despertar depara-se com os impasses em responder aos enigmas da vida e da morte. É nesse contexto que, a partir da psicanálise, consideramos a adolescência um tempo lógico de intenso trabalho e de formulação de uma resposta a esse não saber. Stevens (2004) coloca que a puberdade é o momento em que o sujeito é confrontado, da forma mais crua possível, com a impossibilidade da relação sexual, ou seja, com o encontro com o real do sexo. A adolescência é, então, o sintoma que vem preencher esse conjunto vazio interposto para o sujeito pela não-relação sexual.

Na puberdade, o real da sexualidade irrompe como enigma, um vazio de sentido, um não saber diante da impossibilidade de complementaridade entre os sexos, que se torna questão incontornável para o sujeito. A maturação do corpo não torna possível a relação sexual. Pelo contrário, nesse momento escancara-se a impossibilidade dessa relação. (VIOLA et al., 2017b, p. 159)

Nesse sentido, a adolescência é, enquanto resposta única e particular, um sintoma da puberdade (STEVENS, 2004). A irrupção da sexualidade na puberdade faz surgir um vazio e, diante desse vazio, o adolescente deve construir sua saída singular.

Este confronto com o real do sexo faz abalar a imagem corporal e mostra a impossibilidade simbólica de nomear essa experiência, o que provoca um furo no saber. Para Viola (2017a), o despertar da puberdade no corpo estabelece um ponto de sombra e embaraço na relação do sujeito com o saber e contribui para a reconstrução do eu. Ainda para a autora, nessa reconstrução a imagem de si está envolvida e se mostra suscetível à vacilação, ao mal-estar e à angústia (2017a). Tais elementos somados à pulverização dos referências simbólicos e à forte presença da imagem na cultura atual, potencializada pelas tecnologias digitais, tendem a provocar o fortalecimento das identificações imaginárias.

Através das fotos, roupas, comportamentos e posturas “semelhantes” as adolescentes buscam certo ordenamento do gozo, como uma forma de tratar o real pelo imaginário (LIMA, 2017). Entretanto, essa solução mostra-se insatisfatória. Há uma dimensão real do gozo que escapa às identificações imaginárias e aparece nas constantes atuações das jovens. Lacadée (2011) indica que passagens ao ato e fenômenos de violência podem surgir a partir da falta de uma tradução possível do excedente pulsional em palavras, e que, no caso das jovens, irrompe por meio dos atos, na forma de brigas, aprontações, etc.

As imagens, por sua vez, veiculam modos de gozo. Elas circulam na rede subordinadas ao mercado de consumo e terminam por impor modos de gozo comuns a todos, não deixando lugar para o singular de cada um.

Ao longo dos encontros as pequenas diferenças entre as adolescentes começaram a aparecer. Quando isso acontecia, alguma delas logo tratava de apagar a diferença. Um dia, por exemplo, quando conversavam sobre viagens e todas concordavam que os Estados Unidos eram o destino mais desejado por elas, Isabela disse: “Londres. Eu prefiro ir pra Londres”. “Que isso? Todo mundo prefere Estados Unidos. Claro que é melhor. E Londres nem é país!”, disse Tainá encerrando assunto. Nessas ocasiões, a animadora da conversação intervinha apontando a diferença que ali aparecia tentando dar-lhe lugar: “Mas vamos escutar o que a Isabela tem a dizer. Por que você acha que Londres é mais legal?”. A palavra aparecia, então, fazendo corte, apontando o furo e dando lugar à diferença.

Um dia, estavam se “zoando” inventando nomes para os futuros filhos das outras. Tais nomes eram sempre algum trocadilho chulo ou ofensivo. Mas elas não se ofendiam. Riam e inventavam um nome ainda pior para nomear o filho da outra. Com a intervenção da animadora, foram levadas a falar da escolha de seus nomes por seus pais. Nesse dia, com muita atenção, todas se escutaram e cada uma falou de si e da origem de seu nome. Todas tinham algo de sua história a dizer, que seu nome tinha sido escolhido por ser diferente, bem brasileiro, ou que tinha sido batizada com a versão feminina do nome de seu pai. De alguma forma, a partir da conversação, elas talvez tenham podido se remeter à sua própria história, construindo para si um lugar no romance familiar e no desejo do Outro.

As jovens, então, passam a falar cada vez mais de si. Em relação à sexualidade, queixavam-se de que a escola não sabia acolher suas questões e promovia apenas ações coercitivas que não davam lugar para a singularidade:

Antes tinha aula sobre sexualidade, mas não tem mais. E tipo, a gente ficava só estudando doenças sexuais, vai estudar sobre o preço de um bebê no primeiro ano de vida. Eu tive essa atividade, sobre o preço de um bebê na adolescência. A escola faz isso pra gente ficar com peso na consciência. E ficar estudando DST?... Isso a gente já aprende na aula de ciências, o que a gente quer saber mesmo, eles não falam. (Fragmento de fala de uma adolescente)

A partir de um curta-metragem exibido durante um encontro, foi possível para elas falarem de suas questões sobre amor e sexualidade e construir respostas individuais. Concluíram que há várias formas de se apaixonar, que é possível se apaixonar a primeira vista, mas que também é possível se apaixonar por um amigo, que algumas meninas se interessam mais pela beleza e outras pela inteligência, que pode transar no primeiro encontro ou esperar para ter “intimidade entre o casal”. “Tem que ver. Depende de cada uma”, conclui Cláudia.

Pela via imaginária, através da identificação, Isabela, Regina, Patrícia, Cláudia, Tainá e Luísa buscavam tratar o real com o qual foram confrontadas na puberdade. Entretanto, este recurso não se sustenta e revela-se insuficiente. Com o acesso à palavra, é no próprio laço social, já instalado no grupo, que as adolescentes podem se revisitar um pouco mais descoladas da imagem, cuja presença é sempre tão intensa nos gadgets digitais.

Desse modo, a palavra, este atributo da ordem simbólica, mostra-se capaz de enlaçar real e imaginário possibilitando certo tratamento do real do gozo. As próprias adolescentes parecem constatar esse efeito de simbólico quando, no último encontro, explicam: “Aqui, todo assunto que a gente fala, quando vê já virou outra coisa. Não sei como isso acontece, mas acontece”. E Patrícia, de seu jeito, nomeia: “É a envolvimento”.

REFERÊNCIAS

- BERNI, J. T.; FIGUEIREDO, E. R.; CASULA, K. *et al.*. Adolescentes públicos nas redes sociais. Anais do X Colóquio Internacional do LEPSI – 5 Congresso RUEPSY, 2014. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:pBWepviT7scJ:www3.fe.usp.br/secoes/inst/novo/agenda_eventos/inscricoes/PDF_SWF/37339a.doc+&cd=1&hl=en&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 17 jan. 2018.
- CASTELLS, M. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Original publicado em 1930)
- LACADÉE, P. *O despertar e o exílio: ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2011.
- LAURENT, É. *A sociedade do sintoma: a psicanálise, hoje*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2007.
- LÉVY, P. *Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- LIMA, N. L. Working in Photoshop. In: SANTIAGO, A. L.; LIMA, N. L.; CUNHA, C. F. et al. (orgs.). *Mais além do gênero: o corpo adolescente e seus sintomas. Sobre as investigações teóricas e clínicas de orientação psicanalítica em projetos de pesquisa e extensão da UFMG*. Belo Horizonte: Scritum, 2017. (p. 128-134).
- LIMA, N. L.; BARCELOS, N. S.; BERNI, J. T. et al.. Psicanálise, educação e redes sociais virtuais: escutando os adolescentes na escola. *Estilos da Clínica*, São Paulo, USP, v. 20, n. 3, p. 421-440, set./dez. 2015.
- LIMA, N. L.; CUNHA, C. F. A escuta de adolescentes na escola: a sexualidade como um sintoma escolar. *Estilos da Clínica*, São Paulo, USP, v. 18, n. 3, p. 508-517, set./dez. 2013.
- LIPOVETSKY, G. *A era do vazio: Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Barueri, SP: Manole, 2005.
- NOBRE, M. R. *Realidade virtual, realidade psíquica na pós-modernidade: um encontro com Freud na infinitude fantástica do ciberespaço*. Curitiba: CRV, 2014.
- PENA, B. F. *O supereu, sua gula estrutural e seus modos de gozo na história moderna e contemporânea*. Tese (doutorado). Programa de Pós-graduação em Psicologia da PUC Minas. 2016. 165 f.
- STEVENS, A. Adolescência, sintoma da puberdade. *Revista Curinga: Clínica do Contemporâneo*, Belo Horizonte, Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Minas, n. 20, p. 27-39, 2004.

VIOLA, D. T. D. Saber e corpo na adolescência: do enigma à invenção. In: PEREIRA, M. R. (Org.). Os sintomas na educação de hoje: que fazemos com “isso”? Belo Horizonte: Scriptum, 2017a.

VIOLA, D. T. D.; LISITA, H. G.; BERNI, J. T. et al.. Adolescência e saber no contexto das tecnologias digitais: há transmissão possível? In: LIMA, N. L.; STENGEL, M.; NOBRE, M. R.; DIAS, V. C. Juventude e cultura digital: diálogos interdisciplinares. Belo Horizonte: Artesã, 2017b.